

# O eterno escravo da história

Infeliz o país que precisa de heróis e ainda mais infeliz aquele cujos historiadores ajudam a criar esses heróis ou transformá-los em vilões. *Três vezes Zumbi* não se trata de uma biografia de Zumbi, mas bom estudo de caso sobre como a história é “filha do seu tempo”, nas palavras do historiador Jacques Le Goff. Ou seja, por mais que se queira objetiva e documental, na maioria das vezes a história é construção social interessada, uma visão do passado a dar força a ideais do presente.

Zumbi é emblemático porque há raros registros documentais dele, que impediriam uma biografia, mas não interpretações. Na literatura colonial, “zumbi” era título de guerreiros corajosos e não um indivíduo; no século XIX, que queria refazer o país em “civilização”, ele é transmutado em “pessoa”, a oposição exemplar bárbara ao que o Brasil seria e sua coragem foi exaltada para dar maior estatura a seu algoz, um bandeirante; o marxismo do século XX trocou seu protagonismo pelo coletivo simbólico de Palmares, exemplo de “resistência” contra a opressão, razão do nome do grupo VAR-Palmares, do qual participava a presidente Dilma.

Por fim, o movimento gay resolveu entronizá-lo em seu panteão. O diapasão, porém, era o mesmo: ícone de luta contra todo o tipo de repressão. Triste: Zumbi é, de novo, um “escravo”, agora da história, “acorrentado” a ideologias. Nessa “biografia das biografias”, a ironia é ler como muitos dos historiadores questionados, observou Lília Schwarcz numa resenha, foram os primeiros a denunciar o mesmo processo de construção da memória nacional. “Não há história de um homem, herói ou líder, mas a construção da verdade do passado que pactuamos como nacional e criou o que chamamos ‘identidade brasileira’”. Zumbi é consagrado como líder revolucionário, capaz de abalar as bases de sustentação das classes dominantes desde os tempos do Brasil colonial. Logo, não bastam apenas bons historiadores, mas também é preciso leitores atentos que não se curvem ao *status* que se dá às letras impressas num papel, em livros ou jornais. **Carlos Haag**



**Três vezes Zumbi**  
Jean Marcel França  
e Ricardo Ferreira  
Editora Três Estrelas  
167 páginas  
R\$ 25,00

# Fazenda modelo

A fazenda Taperinha é uma espécie de xodó de botânicos, zoólogos e arqueólogos especializados na Amazônia. O interesse vem desde o século XIX, quando foi visitada por naturalistas como Joseph Beal Steere, Charles Hartt, João Barbosa Rodrigues, Herbert Huntingdon Smith e W.A. Schulz, entre muitos outros. No século XX o interesse continuou até anos recentes – em 1993 e 2000 esteve escavando por lá a conhecida arqueóloga norte-americana Anna Roosevelt.

A área de 4.800 hectares localizada a 50 quilômetros de Belém é aparentemente uma fazenda comum. O que tem de diferente é o fato de ser também um campo aberto à investigação científica para brasileiros e estrangeiros. O Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), de Belém, publicou *Taperinha: histórico das pesquisas de história natural realizadas em uma fazenda da região de Santarém, no Pará, nos séculos XIX e XX*. Trata-se de exaustivo levantamento dos trabalhos científicos de pesquisadores que frequentaram aquela área, com bonita iconografia, feito pelos zoólogos Nelson Papavero, do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo, e William Overal, do MPEG.

Os sambaquis e as espécies vegetais e animais coletadas na fazenda fizeram a alegria dos cientistas, eram sempre bem recebidos pelos primeiros donos, Manuel Antonio Pinto Guimarães, barão de Santarém, e seu sócio, o norte-americano Romulus Rhome. Posteriormente o naturalista suíço Gottfried Haggmann, que trabalhou no MPEG, comprou a propriedade e continuou

a receber e ajudar os interessados em pesquisas. Em comum, todos tinham interesse pela ciência.

Hoje a fazenda Taperinha, com mais de 70% de mata original, ainda pertence à família Haggmann e continua aberta para trabalhos de pesquisa. “Taperinha tornou-se uma localidade muito conhecida na literatura zoológica – cerca de 150 espécies de vários grupos animais têm essa fazenda como localidade-tipo”, escreveu Nilson Gabas Jr. diretor do museu. O livro dá conta de mostrar toda essa diversidade. **Neldson Marcolin**



**Taperinha**  
Nelson Papavero  
e William Overal  
(orgs.)  
MPEG  
459 páginas,  
R\$ 60,00  
Informações:  
aldeides@  
museu-goeldi.br